

## Porquê abeirarmo-nos de São João da Cruz?



Esta pergunta parece-nos pertinente quando nos é proposto estudar a obra deste autor espiritual. Ainda para mais, quando sabemos que se trata de alguém de difícil compreensão ou de quem temos uma imagem distorcida que nos leva a pensar que vivia, completamente, desencarnado das realidades deste mundo. Que São João da Cruz só buscava a Deus, mas por um caminho de solidão e ascese, de renúncia e negação de todo o criado, de mortificação e penitência, fora do trabalho do dia-a-dia e das relações humanas.

Ora, pondo de parte as dificuldades e os preconceitos, faz todo o sentido colocarmo-nos numa atitude de descoberta deste homem, a começar, precisamente, pela sua vida e testemunho, e a terminar naquela que é a sua doutrina. E por que é que faz todo o sentido? Porque nos ajuda a conhecer e a conhecer Deus, a encontrarmo-nos com Ele; a avivar a nossa consciência de seres chamados a esse encontro; a estabelecer uma relação com Cristo, plenitude do ser humano; a descortinar o que é o Cristianismo e nós como cristãos; a edificar a nossa vida cristã; a confirmar as verdades da fé, verdades da nossa salvação. Essa confirmação chega-nos através da sua experiência, que, de forma progressiva, vai ganhando contornos de plenitude.

### Traços da vida e personalidade

**Primeiro traço:** é um homem com uma vida concentrada e em movimento, e não encerrada, como pensam alguns, na interioridade, no eremitismo, na solidão ou na cela, à secretária a escrever. Teve que viajar muito, por razões de governo e de direcção espiritual, e ao mesmo tempo desenvolver em cada uma dessas viagens a sua vida interior e redigir os seus escritos místicos. Por exemplo, escreve o comentário à «Chama de Amor Viva», em 15 dias (só em 15 dias), sendo superior provincial e no meio de tantos outros afazeres de governo. Não deixa também de ser curioso que S. João da Cruz, imaginado sempre como “eremita”, tenha vindo a percorrer em toda a sua vida 30.000 Km a pé e alojando-se nas pousadas como podia.

**Segundo traço:** é um homem muito reservado, que não fala de si mesmo e dos seus serviços. Não sei se alguma vez vos destes conta disso. S. João da Cruz, ao contrário de Sta.

Teresa, que nos fala de si abertamente no livro da Vida, não faz qualquer referência personalizada à sua vida, aos factos particulares, ao percurso da sua existência, às experiências fortes, ao seu ambiente e cultura. Se queremos descobrir a sua autobiografia, temos de nos esforçar por lê-la nas entrelinhas da sua obra e por escutar alguns seus conhecidos.

O nosso santo recusa desvendar o segredo e os momentos íntimos da sua existência. Não escreve nada acerca das suas realizações pessoais, dos seus encontros, das suas circunstâncias. Omite-o de propósito, não por esquecimento. Parece ter feito o “pacto do silêncio verbal” e de se referir apenas ao essencial, isto é: “À busca de Deus na fé, no amor e na esperança, como sentido total da nossa existência”. Contudo, em cada gesto revela a sua interioridade sem querê-lo.

**Terceiro traço:** é um homem com uma escala de valores e prioridades bem interiorizada. Esta escala de valores ou prioridades, todos eles vitais, segue esta ordem de importância: em primeiro lugar, está a sua vida cristã e religiosa com todas as implicações (*vida de culto, de comunidade, trabalhos manuais de construção e limpeza... É, S. João da Cruz tb. andou nas obras, com a mão na massa e na cal; também andou com o balde, a vassoura e a esfregona atrás dele*); em segundo lugar, estão as suas tarefas de governo e formação, das quais é responsável durante toda a vida; em terceiro lugar, está o magistério oral e a direcção espiritual prestados às carmelitas e aos leigos; por último, está a escrita, quando tem algum tempo e ânimo.

S. João da Cruz não se considera um escritor nato. A prova está que ele dedica meses inteirinhos a trabalhos de construção civil que poderiam muito bem ser realizados por qualquer outro frade com menos talento; muitas horas semanais de direcção espiritual a pessoas devotas, que apenas sabem o catecismo, e não se importa, minimamente, com o deixar para trás e inacabadas as suas obras de natureza espiritual. Esta ordem de valores ou prioridades, pelas quais se guia, ganha ainda mais significado quando vemos que é ele que a escolhe e não que lhe é imposta. Reparai que isto diz muito da sua pessoa. Para ele, o que conta, antes de mais, é a realidade quotidiana, são as responsabilidades imediatas, é ajudar a quem encontra no seu caminho. Não pensa na posteridade, pensa sim no seu presente e em quem tem diante de si. É um exemplo para nós...

**Quarto traço:** é um homem cheio de qualidades humanas e espirituais, aberto aos outros. Escutemos o que diz um testemunho sobre ele: «*Conheci o Padre Fr. João da Cruz, com quem tratei e falei muitas vezes. Foi um homem de mediano corpo, moreno e de boa fisionomia; de trato e conversa apetecível, muito espiritual e proveitoso para os que o ouviam e lhe falavam. E*

nisto foi tão singular e profícuo, que os que lhe falavam, homens ou mulheres, regressavam espiritualizados, devotos e aficionados à virtude. Soube e sentiu intensamente a oração e o trato com Deus, e a todas as dúvidas que lhe punham acerca destes pontos respondia com grande sabedoria, deixando os que o consultavam satisfeitos e aproveitados. Foi amigo de recolhimento e de falar pouco; seu riso, pouco e muito composto. Quando repreendia como superior, que o foi muitas vezes, ou chamava a atenção, fazia-o com doce severidade, exortando com amor fraterno, e tudo com admirável serenidade e compostura».



**Quinto traço:** é um autêntico mestre de vida interior. S. João da Cruz durante toda a sua vida foi sobretudo um educador do espírito, empenhado responsabilmente em guiá-lo para a perfeição. A inclinação pessoal e as circunstâncias de então levaram-no a exercitar esta específica forma de apostolado. Formou os primeiros noviços e estudantes da reforma Teresiana; foi longos anos confessor e director espiritual dos diversos conventos carmelitanos, e de algumas pessoas leigas. No seu longo serviço sacerdotal, o santo encontrou pessoas generosas, dedicadas totalmente à procura da santidade, prontas a entregar tudo ao Senhor, e d'Ele favorecidas com graças singulares. Entre outras, recordamos S. Teresa de Jesus que o chamava pai da sua alma, a Madre Ana de Jesus para a qual escreve o Cântico Espiritual, e a dona Ana de Peñalosa, uma nobre senhora que lhe pede que comente as estrofes da Chama de Amor Viva, a ela dedicada.

**Sexto traço:** é um verdadeiro enamorado de Deus. João da Cruz, antes de ser poeta e escritor de temas espirituais, sem dúvida alguma, é um enamorado de Deus. Quer dizer, um homem do qual Deus, o principal amante, o que sempre toma a iniciativa na relação de amor, se apoderou através de todas as mediações, com Suas contínuas presenças e ausências. Desta feita, torna-se para nós, hoje, um testemunho excepcional do que Deus é capaz de fazer no interior de uma pessoa que se abre à sua acção transformante, “de maneira que, - linguagem do santo - embora sejam diferentes em substância, em glória e aparência, a alma parece Deus, e Deus a alma” (CB 31,1).

### **Verdades da fé, confirmadas por experiência e contidas no pensamento doutrinal**

S. João da Cruz leva-nos a olhar para Deus, tal como a fé cristã no-lo apresenta: Deus é “fonte que mana e corre”; Deus, muitas vezes, é percebido na obscuridade da fé,

“da noite”: é um «Deus escondido»; Deus é trindade de pessoas; Deus dá-se a cada um de nós na eucaristia; Deus, por vezes, é conhecido como «luz, certeza e segurança»; é Alguém que tem sempre a iniciativa de «chamar as criaturas a beber das suas águas».

Tudo isto que nos diz a fé cristã, ele o experimenta e traduz no poema da fonte, por exemplo: *passagem e leitura do poema*.

Estando na prisão de Toledo, São João da Cruz compôs este poema trinitário e eucarístico: «a «Fonte que mana e corre», onde nos oferece a sua visão *dinâmica* e *simbólica* de Deus, percebido na obscuridade da *fé*, e que titula «Cantar da alma que se folga de conhecer a Deus pela fé». Desolado por não poder celebrar a missa e receber a comunhão, sofria o Santo um verdadeiro martírio, uma dor intensa por não poder saborear na sua fonte, naqueles dias de 1578 – festa da Páscoa (30 de Março), da Santíssima Trindade (25 de Maio), do Corpus Christi (29 de Maio) – a doçura espiritual do Sacramento. Vive os mistérios da Trindade e da Eucaristia em fé, ela também «fonte cristalina» (CB 12, 3). É uma «fonte na noite» – «horrenda», «sossegada» (CB 14-15, 23) e «serena» (CB 39, 12-13) –, ou seja, o mistério de Deus – «a fonte que mana e corre» – conhecido como luz, certeza e segurança – «que bem sei eu» – na fé obscura da transcendência do mistério: «ainda que é de noite».

Deus é, biblicamente, a «fonte de água viva», e a Eucaristia é, eclesialmente, a fonte de «aquela eterna fonte». Deus é, no seu ser de Pai, a fonte do Filho e do Espírito Santo. Deus é a fonte da qual todos bebem, mas de modo diferente (CB 14-15, 2). O poeta contemplativo dá-nos a sua visão do mistério de Deus como realidade viva, original, transbordante e expansiva, origem de tudo o que é real. O que a água é para a vida do mundo é-o Deus para a vida do homem: um Deus vivo e comunicativo, infinito e criador de vida, sempre com a iniciativa de «chamar as criaturas» a beber das suas águas.

Apesar de o Pai ser um «Deus escondido», como São João o vem a sentir nesta hora, e como nós também O sentimos nalgumas horas da nossa vida, pela fé, sabemos tudo dele: sabemos onde Deus tem a sua «manida» ou morada; não tem origem e é origem de tudo (o princípio sem princípio); é beleza suprema e universal; é profundidade e impenetrabilidade; é luz e n’Ele não há trevas; é oceano de água, o fluir da fonte, que

banha a imensidade da terra; *o Filho nasce do Pai*: «a corrente que nasce desta fonte / bem sei que é tão capaz e onnipotente»; o Espírito Santo, procede do Pai e do Filho e é eterno como eles: «a corrente que destas duas procede / sei que nenhuma delas a precede»; a Trindade está escondida na fonte concreta, próxima, visível e aberta da Eucaristia para nos dar vida; é um convite contínuo para a Ceia do Senhor, onde podemos, com os nossos lábios, beber e fartar-nos da água viva.

São João da Cruz, sentinela que vê na noite, termina o poema com o testemunho da sua fome e sede trinitárias – «esta viva fonte que desejo» – *contemplada e saciada* no realismo, visibilidade, tangibilidade e comunhão eucarística: «neste pão de vida eu a vejo». Neste credo, nesta oração, neste canto, o místico, o orante e o poeta exprime a sua contemplação amorosa de Deus Pai como fundo infinito do mistério da Santíssima Trindade, conhecido e comungado na celebração do «mistério da fé» na Eucaristia.

S. Tomás, que havia escrito: «ninguém é capaz de exprimir a suavidade do sacramento da Eucaristia por meio do qual a doçura espiritual se gosta na *sua fonte*». O *desafio* estava lançado e o nosso místico poeta assumiu-o com êxito inatingível. O teólogo atribui ao Pai a criação do mundo e o nosso místico deleita-se a conhecer a Deus pela fé e encontra-se com Deus Pai escondido na Eucaristia com o seu Filho e com o Espírito Santo.

São João da Cruz, pela forma como nos fala aqui da eucaristia, pondo em destaque o mistério da comunhão trinitária, à qual o Pai nos chama, inserindo-nos em Cristo, pelo dom do Espírito, faz-nos valorizar, cada vez mais, este sacramento na nossa vida. Como ouvíamos, chegou, inclusive, a sofrer, pelo simples facto de não a poder celebrar. E nós que a temos à mão de celebrar, também sentimos a sua falta? E como a vivemos? E como nos preparamos para a viver? Que fazemos com o alimento que ela nos dá?

A relação que São João da Cruz veio a estabelecer com a eucaristia permite-nos aprofundar a nossa própria relação, descendo ao concreto das suas maravilhas, mas também dos seus compromissos. Aliás, as atitudes que lhe fomos reconhecendo na primeira parte desta nossa reflexão, são fruto do ser e viver eucarístico.

Falando da eucaristia, não nos podemos esquecer que estamos a falar do Dom que nos foi maravilhosamente transmitido e comunicado, dado e passado, de geração em geração. A Igreja recebeu a Eucaristia de Cristo seu Senhor, não como um dom, embora

precioso, entre muitos outros, mas como **o dom por excelência**, porque dom d'Ele mesmo, da sua Pessoa na humanidade sagrada, e também da sua obra de salvação.

Esta é a fé que as gerações cristãs viveram ao longo dos séculos. É esta verdade que precisamos de recordar muitas vezes, colocando-nos em adoração diante deste Mistério, ainda que seja como São João da Cruz, na obscuridade da fé. Que mais poderia Jesus ter feito por nós? Verdadeiramente, na Eucaristia demonstra-nos um amor levado até ao «extremo», um amor sem medida: “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim! (Jo 13,1).

A excelência deste dom da Eucaristia só pode despertar o nosso enlevo pelo Divino Sacramento. Estou convicto de que, **quanto mais descobriremos Jesus na Eucaristia, feito dom e Pão, Sangue e Vida para nós** (como o descobriu São João da Cruz), **mais facilmente O reconheceremos nos outros, de modo particular, nos mais necessitados** (São João da Cruz sempre teve um grande amor e uma grande atenção por todos eles...). Por isso, a Quinta-Feira santa da Eucaristia e do lava-pés nos recorda, também, o **mandamento novo do amor**. De facto, em todos estes sinais e gestos, Jesus fala-nos sempre a mesma e maravilhosa linguagem da entrega de si e do amor até ao sacrifício da própria vida. É algo fácil? Não, bem o sabemos!

Para cada um, o esquecimento de si não é fácil. Afastar-se do amor possessivo, por vezes, também não. Contudo, Jesus pensa nisso, isto é, em afastar-nos do amor possessivo para abrir-nos à alegria do amor que se entrega. Neste sentido, a vivência autêntica da Eucaristia há-de tornar-se **escola de liberdade e de caridade**, pois ensinar-nos-á a superar as emoções superficiais, para enraizar firmemente o nosso coração e a nossa vida no que é verdadeiro e bom. A Eucaristia, como experiência partilhada do dom de Jesus, liberta-nos do fechamento sobre nós mesmos e predispõe-nos à abertura aos outros. Como «entrega até ao fim», ensina-nos a fazer Páscoa dentro de nós, **“a passar”, constantemente, de um amor afectivo a um amor efectivo**. Amar não é só um sentimento; é um acto de vontade que consiste em preferir de maneira constante o bem do outro ao bem próprio: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos” (João 15, 13).

Com esta liberdade interior e esta ardente caridade, Jesus ensina-nos a encontrá-lo **nos outros**, em primeiro lugar no rosto desfigurado dos mais necessitados: “Em

verdade vos digo, que quanto fizestes a alguns destes meus irmãos mais pequenos, a mim o fizestes” (Mt 25, 40).

O mundo tem necessidade urgente do grande sinal profético da caridade fraterna! Já não é suficiente, de facto, “falar” de Jesus. Em certo sentido, é preciso fazê-LO «ver» (N.M.I. 16). E Ele faz-se ver e passar com o testemunho eloquente da própria vida, dada e sacrificada pelos outros. Ele o fez primeiro, para que nós o façamos também (Jo 13,15).

É, precisamente, isto que está no interior das palavras de Jesus a Pedro, na Quinta-feira Santa. Pedro recusa-se a deixar Jesus lavar-lhe os pés. Segundo a lei, um judeu não podia lavar os pés a outro judeu, porque significava rebaixar-se da sua condição de membro do povo escolhido; só um escravo ou estrangeiro o podia fazer.

*“Não, tu nunca me lavarás os pés” (Jo 13,8).*

Pedro tem razão, segundo a lei. Como quem diz: “Não te deixo descer tão baixo, um judeu não faz uma coisa dessas”. Mas Jesus responde-lhe – e este diálogo é central, porque é o mesmo diálogo que tem connosco: “Se eu não te lavar os pés, não terás parte comigo” (Jo 13,8). Ou seja: se não deixas que Eu te lave os pés, não comungas comigo.

Estás ainda no AT, na tua lei, na tua lógica, nas tuas seguranças; mas para “ter parte comigo”, para comungar com Cristo, é preciso passar à lógica do amor (Ele o fez primeiro, para que nós o façamos também) (Jo 13,15).

Nós também precisamos de passar para o NT, para perceber bem este Deus que serve e que aparece todo condensado no mistério da eucaristia. Ele não é o Senhor do poder e dos Exércitos, mas o Rei da justiça e da paz, um Deus que vem para servir.

Como nos pode influenciar a imagem que temos de Deus!... Porque Jesus vem lavar-nos os pés todos os dias, Ele baixa-se e rebaixa-se para nos levantar. O que é que Jesus anda a fazer connosco desde sempre? A ser pão que nos alimenta, a levantar-nos do pecado, a ajudar-nos a andar, a lavar-nos os pés.

Ainda neste aprofundar o sacramento da eucaristia ou o que Jesus fez primeiro, para que nós façamos também, recordemos estas suas palavras: “compreendeis o que

vos fiz?” (Jo 13,12). Jesus di-lo aos discípulos que ali se encontram. Claro, eles não tinham ainda percebido.



O que Jesus lhes estava a dizer e diz a nós é o que encontramos nos outros evangelistas dito doutra maneira, ou seja: “Fazei isto em minha memória” (Lc 22,19). Como no final da consagração habitual. Mas o que é que este “isto” quer dizer? Que eu seja pão para alimentar quem necessita, que eu lave os pés aos outros, a exemplo do Senhor.

“Fazei isto... (fazei-vos pão e servos)... em minha memória” (Lc 22,19).

Ou seja: para que se continue a fazer. Não para recordar, mas para actualizar. É isso o memorial: que, através de nós, Cristo se continue a dar!

“Em verdade vos digo, o servo não é maior que o seu Senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. Se compreenderdes isto e o puserdes em prática, sereis felizes” (Jo 13,16-17).

Revela-se aqui, a grande bem-aventurança de Jesus e a nossa: a de perceber que a felicidade está em entregar-se pelo próximo; que a eucaristia se vive no meio do mundo: aí é que eu estou presente, fazendo-me pão para os outros. É na vida quotidiana dos discípulos de Jesus que se manifesta toda a força deste sacramento. São João da Cruz soube deixá-la manifestar-se em si. Que cada um de nós também o saiba!...